

1

O ANARQUISMO MÍSTICO

“Tudo me pertence, porque eu sou pobre.”

A declaração de Jack Kerouac, repetida em *Visões de Cody* (Kerouac, 2009, p. 49 e 112), sua obra mais complexa e de maior fôlego, serviria como epígrafe de toda a sua vida e obra. E da própria Geração Beat, o movimento literário do qual foi, mais que um expoente, o avatar.

É a profissão de fé de um *outsider*. A crítica, de modo sintético, à prosperidade norte-americana. E a expressão de um místico.

De imediato, a frase pode ser associada ao budismo, com seu elogio à desposseção e à simplicidade, caminhos para a superação da contingência e da necessidade. E também ao gosto de budistas e místicos em geral por oximoros e paradoxos, figuras exemplificadas pela frase citada. Isso, lembrando que Kerouac se apegaria de modo mais sistemático ao budismo a partir de 1953 (*Visões de Cody* foi escrito em 1952, como extensão de *On the Road*⁶, sua narrativa de maior repercussão).

Em obras especificamente budistas, a exemplo de *The Scripture of the Golden Eternity* – uma série de prosas poéticas que lembram *O guardador de rebanhos*, de Pessoa, e, mais remotamente, trechos do T. S. Eliot de *Quatro quartetos* –, Kerouac também se expressaria por meio de paradoxos: “Este é o conhecimento que

6. O título da edição brasileira de 1984 dessa narrativa de Kerouac, pela Brasiliense, era *Pé na estrada*. A L&PM, ao relançá-la em edição de bolso em 2004, rebatizou-a de *On the Road – Pé na estrada*, possibilitando designá-la simplesmente por *On the Road*.

vê a eternidade dourada em todas as coisas, que é nós, você, eu, e que não é mais nós, você, eu”. Ou então: “Esta lei da verdade não tem mais realidade do que o mundo”⁷ (Kerouac, 1994, p. 25).

A frase de Kerouac expõe não apenas um estilo de vida e uma condição econômica do narrador-protagonista e do autor – que se confundem, nele e em outros beats⁸ –, mas também sincronia com místicas da transgressão. Poderia ter servido como lema de movimentos medievais, a exemplo da heresia do Espírito Livre. Foram as manifestações do que Norman Cohn, em *The Pursuit of the Millennium* (Cohn, 1981), caracteriza como “anarquismo místico”. Para seus adeptos, que se denominavam “espirituais” ou “sutis em espírito”, a abolição da propriedade privada e de qualquer espécie de bens pessoais era condição prévia para o acesso ao Espírito Santo e o consequente reingresso no Paraíso na Terra. Corresponderia à reconquista do estado adâmico, revertendo a Queda e eliminando o pecado. Consequentemente, abrindo as portas para o exercício pleno da liberdade, incluindo o amor livre e a licenciosidade: “A pobreza, propriamente observada, abolia todo pecado; daí seguia-se que os pobres podiam, por exemplo, fornicar sem pecado” (Cohn, p. 158).

Abolir a propriedade privada e desprezar a posse de bens, insurgir-se contra as classes dominantes, romper com a religião institucional, praticar a liberdade sexual: observar tais traços em comum de adeptos do Espírito Livre e os beats e contracultura não equivale a desprezar as enormes diferenças entre tais movimentos, personagens e, principalmente, seus contextos? Cabe esclarecer o sentido de comparações entre escritores do século XX, cultos, com uma formação universitária, e rebeliões populares (embora tivessem intelectuais entre seus iniciadores, como o estudioso parisiense Amaury ou Amalric de Bène) entre

7. Nas citações de obras não publicadas no Brasil ou em língua portuguesa, a tradução sempre é minha.

8. Adoto a designação como beats, preferível àquela como *beatniks*, termo cunhado em 1958 com intenção depreciativa.

os séculos XIII e XV d.C. (e até mesmo XVI e XVII, incluindo-se, como o faz Cohn, anabatistas e “ranter”). Mais ainda, ao se considerar a diversidade dos movimentos medievais, com diferenças profundas entre begardos e beguinas, os engajados na “Cruzada dos Pobres”, irmãos do Espírito Livre, flagelantes, taboritas, nacionalistas da Renânia etc.

No entanto, o próprio Cohn parece recomendar essa modalidade de comparação. No prefácio à edição de 1970, comenta polêmicas provocadas “pela sugestão de que a história contada neste livro possa ter alguma relevância para as sublevações de nosso próprio século”. Adiante, foi mais incisivo: “Sob certos aspectos foram verdadeiras precursoras de alguns dos grandes movimentos revolucionários do presente século” (idem, p. 17). Talvez, enquanto escrevia isso, passassem sob sua janela ou fossem exibidos na TV manifestantes de 1968/1969, participantes da contracultura e das rebeliões juvenis do período, em parte inspirados nos beats – e até mesmo, conforme a manifestação, liderados por Ginsberg e outros integrantes do movimento.

Em apoio à presente abordagem, já no campo da literatura comparada e não mais no dos estudos de história e política, cabe mencionar um livro recente, sincrônico com o presente ensaio, intitulado *Yona e o andrógino – notas sobre poesia e cabala*, de Amâncio (Amâncio, 2010): nele, a contribuição da poeta israelense contemporânea Yona Wollach é interpretada à luz do misticismo transgressivo; no caso, de antinomismos judaicos como o frankismo; contextualizando, há paralelos com Ginsberg, a contracultura e a Geração Beat.

Embora nem beats nem hippies se houvessem alinhado sob bandeiras especificamente religiosas, tais comparações são reforçadas por relações genéticas, situadas na diacronia. Estendem-se desde os antigos gnósticos dos primeiros séculos d.C., passando pelos adeptos do Espírito Livre, até contemporâneos. William Blake, poeta matricial para os beats, apontado por Ginsberg como guia ou mentor em uma relação semelhante àquela de Dante

Alighieri com Virgílio, efetivamente assimilou temas e a visão de mundo daqueles rebeldes religiosos, elaborando-os poeticamente.

Todavia, mais importante do que constatar continuidade e possíveis influências de uma etapa de tais movimentos sobre outra, subsequente, é observar seu fundamento filosófico. A matriz partilhada por eles consiste na crítica. Ou melhor, em uma dupla crítica, imanente e transcendente. Imanente por dirigir-se contra a ordem estabelecida, os poderes vigentes em um dado momento, alvos da rebelião. E transcendente, metafísica por expressar uma cosmovisão segundo a qual a realidade imediata, sensível, é falsa, devendo ser substituída por um mundo melhor, mais justo e harmônico; pela reconquista do paraíso perdido, do estado adâmico. Tais ideias são recorrentes e, sem dúvida, transistóricas e transculturais. Expressam-se por meio da associação óbvia da pobreza à santidade; e da associação da santidade, de uma condição espiritualmente superior, à liberdade. Para os transgressores religiosos, trata-se de liberdade no mundo, permissão para fazer tudo. É o que sugere a presença das místicas da transgressão em contextos tão diversos: da Antiguidade até hoje, do Tibete até nossas imediações, de sociedades tribais até núcleos nas metrópoles.

Novamente, é Cohn quem acentua o caráter transistórico ao incluir, no capítulo sobre o Espírito Livre de *The Pursuit of the Millennium*, um parágrafo sobre o Abade Boullan, oficiante de missas negras do final do século XIX que inspirou Huysmans a escrever a narrativa “à clef” *Là-bas*. Mas com uma informação perturbadora: Boullan, afirma Cohn, “fundou uma seita da qual se diz que a um tempo teria tido uns 600 mil membros, principalmente na Europa ocidental” (idem, p. 175). Sim – conhecemos esses antinomismos, porém através de suas repercussões literárias. Quem quiser saber sobre missas negras no final do século XIX, que recorra a Huysmans, ou, mais recentemente, a *O cemitério de Praga*, de Umberto Eco; sobre gnósticos licenciosos no começo do século XX, que leia *O lobo da estepe*, de Hermann Hesse. Mas, quanto a seu grau de difusão e prestígio, a tendência parece continuar sendo a

de varrer a informação para baixo do tapete. A exceção, na família dos antinomistas, é Aleister Crowley: mas esse mago literalmente forçou a porta de movimentos literários (invadiu a Ordem da Aurora Dourada de William Butler Yeats) e de escritores (pelo modo como associou Fernando Pessoa a uma de suas tramas, o falso desaparecimento no episódio da “Boca do Inferno”).

Principalmente, ligar a Geração Beat ao “anarquismo místico” é justificado pelo modo como eles reivindicaram essa ligação. Reconheceram e valorizaram vínculos com o Espírito Livre e com doutrinas afins, que o precederam – especialmente o gnosticismo – ou o sucederam.

Ginsberg, em especial, insistiu na importância dos gnósticos – dos quais os heréticos do Espírito Livre podem ser considerados um desdobramento – como origem remota da Geração Beat e da subsequente contracultura. Em “Gnostic consciousness”, palestra sobre os modos de chegar a um “estado da mente não conceitual” através de mantras e práticas do budismo, publicada na coletânea *Allen Verbatim*, comentou:

Na cultura ocidental, o equivalente dessa espécie de pesquisa estaria na tradição gnóstica. Você teria que começar com Heráclito e examinar Porfírio e Jâmblico e Jacob Böhme e Pitágoras. Há, de fato, uma forte tradição ocidental nessa área, embora não seja extensivamente estudada como parte da filosofia formal porque, ao redor de 300 d.C., quando o Imperador Constantino se apoderou da Igreja, foi chutada para fora⁹ pela, para assim dizer, CIA daquele tempo, por ser antiautoritária. (Ginsberg, 1975, p. 31)

Gary Snyder, poeta não só adepto do budismo, mas estudioso sistemático de religiões e cultos arcaicos (do xamanismo tribal norte-americano ao taoísmo chinês), argumentou de modo semelhante:

9. No original, “it got stomped out”.

De certo modo, pode-se ver a Geração Beat como um outro aspecto da perpétua “terceira força” que tem avançado através da história com seus próprios valores de comunidade, amor e liberdade. Pode ser relacionada às antigas comunidades dos essênios, ao cristianismo primitivo, às comunidades gnósticas e às heresias do espírito livre da Idade Média; com o sufismo islâmico, o taoísmo chinês primitivo, e com ambos os budismos, zen e shin. As audaciosas e tocantes esculturas eróticas em Konarak, na Índia, as pinturas de Hieronymus Bosch, a poesia de William Blake, tudo isso pertence à mesma tradição. O lema num café beat em Los Angeles é a equação “Arte é Amor é Deus”. Na América nós recebemos isso de Walt Whitman e Henry David Thoreau e dos professores da geração anterior à nossa, William Carlos Williams, Robinson Jeffers, Kenneth Rexroth, Henry Miller e D. H. Lawrence (Snyder, 2005, p. 184).

A mesma genealogia é reivindicada em um poema de Diane di Prima, de suas *Revolutionary Letters*:

OLHEM PARA AS “HERESIAS” DA EUROPA POR ANTEPASSADOS

(remanescentes da Europa pré-colonizada e pré-romana)
Insistente e esperançosa ressurgência de *communards*
amor livre & prazer: “em deus todas as coisas são em comum”
secreta celebração de antigas estações festas e luas
Reescravem o calendário.¹⁰ (Di Prima, 2007, p. 76)

Kenneth Rexroth, poeta e militante anarquista, apontado por Snyder no trecho já citado como representante de uma tradição norte-americana, foi um mentor não da Geração Beat como um todo (teve divergências com Ginsberg e Kerouac), mas da San Francisco Renaissance, a comunidade de poetas que se

10. Neste poema de Diane di Prima, traduzi “*bloodroots*” por “antepassados”, na falta de termo melhor; “deus” está grafado assim, com minúscula, no original.

reuniu naquela cidade. Dela fizeram parte autores que se ligariam aos beats, como McClure, Snyder e Whalen. Rexroth observou esses antecedentes em um texto de 1974, *Communalism*; posterior, portanto, à publicação do livro de Cohn. Ademais, em vez de endossar a licenciosidade, como o haviam feito Di Prima, Snyder e Ginsberg, expressou restrições, vendo-a como desvio, interpretação distorcida de premissas do misticismo:

Unido a Deus, é impossível para o místico pecar; por conseguinte, ele pode fazer tudo o que quiser. Roubo, mentira, especialmente licenciosidade sexual, são permitidos; oração e todas as observâncias religiosas são inúteis. Isso é uma espécie de imagem especular em um vidro nublado e distorcido da moralidade e da ética do misticismo, que não é peculiar ao cristianismo. Ao mesmo tempo, sufis, pregando a mesma doutrina, eram perseguidos e crucificados na Pérsia. Hinduísmo, budismo, o Zen americano contemporâneo, todos produziram a mesma distorção. (Rexroth, 1974¹¹)

Esse levantamento de antecedentes invoca doutrinas e manifestações que, mesmo soando com mais força pela voz dos beats, já podiam ser nitidamente ouvidos através de poetas românticos e modernistas. Isso foi comentado por Scholem ao distinguir duas atitudes dos místicos: uma delas conservadora, a outra revolucionária. Para o estudioso da cabala e misticismo judaico, “uma atitude revolucionária é inevitável uma vez que o místico invalida o sentido literal das escrituras sagradas”. Blake, Rimbaud e Walt Whitman – três poetas matriciais para os beats – representaram, afirmou, o misticismo “sem laços com qualquer autoridade religiosa”; ou seja, sem vínculos com religiões institucionais. Foram “heréticos luciferianos”, cuja imaginação era “estimulada por imagens tradicionais, ou da igreja católica oficial (Rimbaud) ou de origem hermética e espiritualista, subterrânea e esotérica (Blake)” (Scholem, 1965, p. 13-16; cf. Willer, 2010, p. 221).

11. Em <http://www.bopsecrets.org/rexroth/communalism2.htm#4>.

Caracterizar poetas que foram aventureiros e desregrados como místicos equivale a afirmar que o misticismo vai além do ascetismo e da vida contemplativa. Assim, passam a fazer parte dessa categoria modalidades do antinomismo ou antinomianismo¹²: doutrinas e movimentos, além da já citada heresia do Espírito Livre, que sustentaram a santidade do pecado e o valor místico da transgressão. Representam-nas o gnosticismo licencioso; correntes do tantrismo (inclusive a seita tibetana N'yingma ou Nyingmapa, à qual Ginsberg se filiou)¹³; e as dissidências judaicas: o sabataísmo, exemplarmente estudado por Scholem, e sua derivação radical, o frankismo. Esse termo refere-se aos adeptos de Jacob Frank, líder no século XVIII de uma derivação radical do sabataísmo. Informa Scholem: “Não é de admirar se ficamos sabendo que esses rituais envolviam a degradação moral de seus participantes, ao mesmo tempo, como sempre acontecia em tais grupos, que eles praticavam promiscuidade sexual” (Scholem, 1999, p. 179). Frank, um dos líderes religiosos que mais se assemelharam aos libertinos característicos daquela época, ao converter-se ao catolicismo, como que se excluiu do âmbito dos estudos judaicos¹⁴; alguns dentre seus adeptos reapareceriam como jacobinos na Revolução Francesa.¹⁵

12. O vocábulo *antinomianism* ora tem sido traduzido como antinomianismo, ora como antinomismo na bibliografia especializada brasileira; por exemplo em Biale, 2004, e Scholem, 1995.

13. Na biografia de Ginsberg por Miles é usada a grafia N'yingma; em *Allen Verbatim*, Nyingmapa.

14. Mas reaparece em páginas do já citado *Yona e o Andrógino – Notas Sobre Poesia e Cabala*, de Moacir Amâncio, bem comentado e contextualizado.

15. Chegaram a formar uma ordem maçônica, dos “Irmãos Asiáticos”, informa Scholem. É interessante como seguidores de teorias conspiratórias sobre subversivos judeus maçons, tão bem dissecadas por Umberto Eco, entenderam ou fizeram questão de entender tudo ao contrário: existiram, sim, tais conspiradores, mas não representavam o judaísmo, porém aquilo que suas comunidades e seguidores abominavam e baniam.